

**PROJETO PARA O PROGRAMA DE PÓS-DOCTORADO DA FAPESP****TÍTULO: “A ARQUEOLOGIA DE MICHEL FOUCAULT COMO UMA HISTÓRIA DO OUTRO”****AUTOR: RAFAEL HADDOCK LOBO****SUPERVISORA: OLGÁRIA CHAIN FÉRES MATOS****PROCESSO: 07/51482-4****I. RESUMO:**

Este estudo pretende dedicar-se ao método histórico desenvolvido nas obras da fase arqueológica da trajetória filosófica de Michel Foucault. Tomar-se-á como bibliografia fundamental, portanto, *História da loucura*, *O nascimento da clínica*, *As palavras e as coisas* e *A arqueologia do saber*. Salvaguardando que não se trata de um estudo específico sobre o pensamento de Foucault em geral, nem sobre o tema da alteridade ou da história em geral – no sentido de uma análise do conjunto de todos os seus pressupostos teóricos –, o objetivo que está em primeiro plano neste projeto é a análise da questão específica de como o método de análise histórica empreendido por Foucault em sua fase arqueológica inaugura uma nova forma de se pensar historicamente, justamente devido à sua relação com a alteridade. Isso pode ser visto de modo exemplar quando o autor, em *História da loucura*, denomina seu pensamento como uma “História do Outro”, ou, anos mais tarde, em *As palavras e as coisas*, quando pensa sua arqueologia como uma “Crítica do Mesmo”. Para efeito metodológico, optou-se por dividir o estudo em quatro etapas, sendo cada uma destas dedicada a analisar o método histórico de Michel Foucault em uma determinada obra da supracitada fase de seu pensamento, quais sejam: 1. *A história da loucura* vista como uma história do outro; 2. A continuação do projeto histórico em *O nascimento da clínica*; 3. *As palavras e as coisas* como uma crítica do mesmo; 4. A análise foucaultiana de seu projeto histórico em *Arqueologia do saber*. O que se pretende, desta maneira, é empreender uma análise cuidadosa de trechos das referidas obras de Foucault a fim de que se compreenda como esta fase de seu pensamento demanda uma pesquisa histórica específica que pretende levar em consideração a alteridade.

**II. INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA COM SÍNTESE DA BIBLIOGRAFIA FUNDAMENTAL**

A pesquisa aqui proposta tem como objetivo efetuar uma leitura sistemática da presença de referências à questão de como o método de análise histórica empreendido por Michel Foucault em sua fase arqueológica pode ser compreendido como uma “História do Outro”. Poder-se-ia afirmar que tal questão percorre toda a produção filosófica de Foucault, pois, conforme se pode apreender das palavras do próprio filósofo, o estudo das diversas

formas de relação do pensamento e das instituições com isto que, *grosso modo*, pode ser chamado de “outros” consistiu em um dos objetivos principais da sua obra, energicamente voltada para os meios segundo os quais o ser humano se constitui como sujeito e, portanto, como se relaciona com a alteridade: seja tal alteridade entendida como o conjunto de indivíduos que foram objetivados segundo práticas e discursos de determinadas épocas históricas (as chamadas *epistemes*), inaugurando assim o que a psiquiatria entende por “loucos”, o que a medicina entende por “doentes” e assim por diante; seja se tratando de uma outra forma de pensamento, que também seria excluída por um determinado modelo de saber (o “pensamento do mesmo”). No prefácio de *As palavras e as coisas* lê-se o seguinte:

Este livro nasceu de um texto de Borges. Do riso que, com sua leitura, perturba todas as familiaridades do pensamento – do nosso: daquele que tem nossa idade e nossa geografia –, abalando todas as superfícies ordenadas e todos os planos que tornam sensatas para nós a profusão dos seres, fazendo vacilar e inquietando, por muito tempo, nossa prática milenar do Mesmo e do Outro. Esse texto cita “uma certa enciclopédia chinesa” onde está escrito que “os animais se dividem em: a) pertencentes ao imperador, b) embalsamados, c) domesticados, d) leitões, e) sereias, f) fabulosos, g) cães em liberdade, h) incluídos na presente qualificação, i) que se agitam como loucos, j) inumeráveis, k) desenhados com um pincel muito fino de pêlo de camelo, l) *et cetera*, m) que acabam de quebrar a bilha, n) que de longe parecem moscas”. No deslumbramento dessa taxionomia, o que de súbito atingimos, o que, graças ao apólogo, nos é indicado como o encanto exótico de um outro pensamento, é o limite do nosso: a impossibilidade patente de pensar *isso*.<sup>1</sup>

Sobre este tema da alteridade, Salma Muchail também observa, com relação às pesquisas históricas realizadas por Foucault na fase arqueológica, sobretudo no que concerne à *História da loucura*, que “é possível sugerir que a questão que, genericamente, podemos denominar ‘do outro e do mesmo’ se estenda como um pano de fundo dessas histórias”<sup>2</sup>. Tal é, destarte, o princípio deste projeto: compreender, de modo cuidadoso e sob a forma de análise dos textos foucaultianos, como esta questão do mesmo e do outro pode ser entendida como o traço fundamental para as pesquisas históricas realizadas por Foucault em sua fase arqueológica, compreendendo assim, as quatro obras principais desta fase, sendo estas: *História da loucura*, *Nascimento da clínica*, *As palavras e as coisas* e *A arqueologia do saber*.

A relevância e a sintaxe própria de cada uma destas obras urge que se dedique um estudo separado sobre cada uma, o que faz com que tal pesquisa que aqui se pretende desenvolver seja dividida em quatro momentos.

<sup>1</sup> FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 05).

<sup>2</sup> MUCHAIL, Salma Tannus. *Foucault, simplesmente*. São Paulo: Edições Loyola, 2004, p 37.

### a) A *História da loucura* como uma “História do Outro”

Em um primeiro momento, caberia analisar como esta história específica que Foucault empreende – e poder-se-ia arriscar dizer, que Foucault inaugura – em *História da loucura* pode ser entendida, nos termos do próprio filósofo, como uma “História do Outro”, ou seja, uma história que se preocupa e, mais seriamente, se dedica a pensar não mais o Mesmo, mas antes todos os outros que seriam excluídos pelo pensamento ocidental.

Este primeiro momento é fundamental para a pesquisa que se segue, pois tal unidade que aqui se afirma presente na fase arqueológica do pensamento de Foucault, que se dá justamente no uso do que se adotou chamar de “método arqueológico”, seria, sob estes termos, uma certa insistência na abordagem histórica tal como empreendida e assumida em *História da loucura*. Ao afirmar que a especificidade do objeto de estudo é determinante para a formulação e exercício de tal abordagem histórica, que justamente se situaria em um debate com diversos modelos de pesquisa histórica (e cabe aqui ressaltar, sobretudo, a leitura nietzschiana e a epistemologia francesa) – ou seja, através desta virada que visa um “outro” objeto – encontra-se um apoio para tal privilégio (do termo e do método “História do Outro”) nas seguintes palavras de Roberto Machado:

*História da loucura* inicia a série de análises históricas que, desde o primeiro momento, são denominadas “arqueológicas”, por Foucault, para distingui-las da história das ciências e das idéias. Não se deve pensar, no entanto, que se trata de um método cujos princípios básicos possibilitarão, pela aplicação a diferentes objetos de pesquisa, uma série de análises empíricas. Se pode ser considerada um método, a arqueologia caracteriza-se pela variação constante de seus princípios, pela permanente redefinição de seus objetivos.<sup>3</sup>

Assim, tal privilégio concedido ao termo utilizado por Foucault em *História da loucura* para designar seu objetivo em tal livro como uma “História do Outro” pode apenas ser entendido como uma unidade no que se refere a uma certa preocupação metodológica, mais do que propriamente o método em si. Tal constante redefinição e reflexão sobre seus métodos históricos (o que se torna exemplar em *Arqueologia do saber*), faz com que a fase arqueológica do pensamento foucaultiano, tendo aqui *História da loucura* como lugar privilegiado, possa ser pensada desde sua preocupação em não permitir apreender-se por um pensamento do Mesmo: nem mesmo sob a forma de seu próprio método, já que não haveria uma continuidade de princípios nem de objetivos em sua arqueologia, senão a preocupação em preservar esta relação com a alteridade, fato este que afastaria seu pensamento do enclausuramento do Mesmo.

### **b) O desenvolvimento da “História do Outro” em *O nascimento da clínica***

Levando em consideração o que se viu no item anterior, cumpre-se que se compreenda como tal “História do Outro” se desenvolveria em *O Nascimento da clínica*, onde certamente se dá prosseguimento às análises históricas empreendidas em *História da loucura*. Se, na obra anterior, Foucault dedica-se a compreender o surgimento do discurso sobre a loucura e sua ligação com a prática de enclausuramento do louco na época clássica (o que teria levado Foucault a pensar que a história da loucura nada mais seria que a história da “fabricação de uma grande mentira”<sup>4</sup>), a tarefa à qual Foucault se debruça em *O nascimento da clínica* é, mais que compreender a doença mental, entender o surgimento da própria doença como objeto de saber, ou seja, radicalizar seus estudos sobre o discurso psiquiátrico abrangendo agora o saber médico moderno como um todo.

A dificuldade maior que se encontra no projeto de pensar *O Nascimento da clínica* como uma “História do Outro” é que, ao contrário do que ocorre em *História da loucura*, a questão metodológica praticamente não é abordada neste livro, com exceção de seu prefácio. No entanto, as indicações que se encontram no prefácio, sobretudo no que concerne à descontinuidade e à normatividade histórica, além de estarem presentes ao longo de toda obra, podem ser compreendidas, com relação a *História da loucura*, como um novo rumo. Em diversos momentos da obra, Foucault esforça-se em afastar-se radicalmente do que se entenderia como uma “história factual”<sup>5</sup>. Para o filósofo, não mais se poderia empreender uma história que se dedicasse prioritariamente, por um lado, às teorias e aos sistemas de pensamento ou então, por outro lado, à clínica, vista como um aspecto unicamente prático. A crítica que se faz nesta obra aos historiadores aponta que não se deve pensar historicamente através destas dicotomias, pois a arqueologia de Foucault aqui se revelaria como uma análise da relação intrínseca entre os dois níveis do conhecimento médico: o olhar e a linguagem.

Deste modo, o que se pretende nesta parte da pesquisa é tentar compreender os passos dados por Foucault desde o movimento de “inversão” empreendido em *História da loucura* (em que se buscava compreender a história do discurso psiquiátrico “às avessas”) até o “deslocamento” que opera *O nascimento da clínica* (pois aqui nenhum tipo de medicina é

---

<sup>3</sup> MACHADO, Roberto. *Foucault, a ciência e o saber*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006, p. 51.

<sup>4</sup> *Ibid.*, p. 86.

<sup>5</sup> Paul Veyne, em “Foucault revoluciona a história”, vai justamente ressaltar este aspecto de que a história de Foucault, por dedicar-se não apenas aos “fatos”, mas antes aos discursos e saberes que constituem tais fatos, caminha para um outro rumo: descrevendo não apenas a “ponta do iceberg”, como fazem os historiadores tradicionais. Foucault, assim ao descrever o surgimento dos saberes, daria conta da “realidade histórica” como um todo: o todo do iceberg, nos termos de Veyne.

considerado superior ou inferior a outro). Segundo alguns comentadores relevantes, como Roberto Machado, Salma Muchail e Vera Portocarreiro, pode-se dizer que as dicotomias estruturais que atravessam a obra de 1961 são, nesta obra de 1963, dissolvidas, buscando investigar o conhecimento médico através de seus dois aspectos intrinsecamente correlacionados, quais sejam, a prática clínica e a teoria médica.

Portanto, se se afirma que no primeiro livro Foucault empreenderia uma “História do Outro”, justamente por apostar nesta inversão, na tentativa de dar voz àqueles que foram objetivados pelo discurso psiquiátrico (os “outros” de *História da loucura*), pode-se compreender o deslocamento que opera *O nascimento da clínica* (que também seria uma “História do Outro” na medida em que põe em questão a prática histórica como um olhar sempre privilegiado sobre um tema) como um movimento que prepara o terreno para outro grande momento da obra foucaultiana: a utilização da noção de saber como categoria metodológica que determinará o solo das investigações arqueológicas, tal com ocorre em *As palavras e as coisas* a partir da noção de *episteme*.

### c) “História do Outro” e “Crítica do Mesmo” em *As palavras e as coisas*

Segundo a linha de raciocínio que se desenvolveu até aqui, um terceiro momento da pesquisa deve tentar entender como se dá esta passagem do empreendimento histórico da arqueologia da clínica, ou seja, do olhar sobre a linguagem e o olhar médico, para o que seria propriamente uma arqueologia do saber. Mais que do compreender as condições de possibilidade da psiquiatria e mais do que compreender as condições de possibilidade da medicina moderna, o objetivo de *As palavras e as coisas* é realizar uma arqueologia das ciências humanas, isto, nos termos foucaultianos, significa dizer que tal análise histórica dedica-se a descrever a inter-relação de saberes sobre o homem. Ainda em outros termos, a obra de 1966 teria como objetivo-central uma questão que sempre esteve no coração de seu pensamento: a tentativa de dar conta da constituição histórica dos saberes sobre o homem.

Em “Foucault decodificado”, o historiador Hayden White dedica-se a estudar a importância das análises foucaultianas para o âmbito da história. E, de modo diferente do que faz Paul Veyne, que atribui uma importância à descrição “positiva” que Foucault faz das práticas e dos discursos (chegando a afirmar que o filósofo francês alcança o positivismo desejado por todo historiador, por deixar que a realidade fale por si sem interpretações), White se dedicará justamente a estudar a arqueologia do saber que Foucault desenvolve em *As palavras e as coisas* e em *A arqueologia do saber*. “A obra mais importante de Foucault, e provavelmente a mais interessante para os historiadores e filósofos da história”, diz White, “é

*Les mots et les choses: une archéologie des sciences humaines*”<sup>6</sup>. Isso porque, mais que uma análise histórica que tenha como objeto alguma empiricidade, a obra dedica-se a uma história das idéias, ou seja, a uma arqueologia não deste ou daquele saber, mas do saber que, como um todo, tem o homem como objeto. Trata-se, assim, de uma análise que pensa um determinado momento histórico, qual seja, aquele em que o homem passa a ocupar um duplo papel na teoria do conhecimento: é ele tanto o sujeito como o objeto do saber.

Para muitos estudiosos de Foucault – opinião com a qual compartilho plenamente – *As palavras e as coisas* seria o livro mais ambicioso de Foucault. Isso se daria não só pelo seu conteúdo estudado, que caracterizaria o livro como uma espécie de teoria geral das ciências humanas, mas também pelo rumo que sua arqueologia vai tomar nesta obra. *As palavras e as coisas* elabora ainda mais o método arqueológico através da definição de seu objeto como *episteme*. Através deste estudo, que se pode pensar como uma história dos saberes, um fato é acrescido às análises anteriores: o saber é visto agora também segundo sua positividade, isto é, nos termos foucaultianos, o imperativo de se fazer uma análise da ordem interna constitutiva do saber. Desse modo, Foucault pretende realizar uma arqueologia interna do saber: não se atendo aos fenômenos exteriores ou sociais (que inegavelmente se relacionam com o objeto), o objetivo de Foucault consiste em, ao neutralizar tais relações externas, poder estabelecer as condições de possibilidade internas ao próprio saber. Assim, pode-se entender melhor o que afirma Foucault no prefácio de *As palavras e as coisas*:

Esta análise não diz respeito à história das idéias ou das ciências: é antes um estudo que procura encontrar a partir de que foram possíveis conhecimentos e teorias; segundo que espaço de ordem se constitui o saber; na base de qual *a priori* histórico e em que tipo de positividade idéias puderam aparecer, ciências se constituir, experiências se refletir em filosofias, racionalidades se formar para, talvez, logo se desfazerem e desvanecerem. Não se trata, portanto, de conhecimentos descritos em seu progresso em direção a uma objetividade na qual nossa ciência atual poderia finalmente se reconhecer; o que se gostaria de colocar em evidência é o campo epistemológico, a *episteme* em que conhecimentos, considerados independentemente de qualquer critério referente a seu valor racional ou a suas formas objetivas, enraízam sua positividade e manifestam assim uma história que não é a de sua perfeição crescente, mas a de suas condições de possibilidade; nesta narrativa, o que deve aparecer são, no espaço do saber, as configurações que deram lugar às diversas formas de conhecimento empírico. Mais do que uma história no sentido tradicional da palavra, trata-se de uma “arqueologia”.<sup>7</sup>

---

<sup>6</sup> WHITE, Hayden. “Foucault decodificado”, in: *Trópicos do discurso*. São Paulo: Edusp, 2001.

<sup>7</sup> FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*, p. 12. É importante ressaltar que Foucault, em nota de rodapé, diz que “os problemas de método suscitados por tal ‘arqueologia’ serão examinados em uma próxima obra”, isto é, em *Arqueologia do saber*, de 1969.

Ao lado do empreendimento histórico iniciado em *História da loucura*, que se adotou aqui chamar de uma “História do Outro”, *As palavras e as coisas* pode ser visto como um segundo grande momento, e talvez o mais significativo desta fase do pensamento de Foucault. As pesquisas que antes visavam “liberar” a alteridade específica de certos objetos das ciências, como os loucos ou os doentes, agora podem ser compreendidas como uma tentativa de libertar o pensamento visando sua relação com a alteridade, compreendida agora em sentido geral: a própria alteridade do pensamento. Com *As palavras e as coisas*, pode-se afirmar que estas pesquisas sobre o outro em um sentido restrito passam a configurar um pensamento crítico de uma “mesmidade” que a filosofia ocidental apresentaria. Esta, assim, não saberia lidar com o outro de seu pensamento.

É isso que faz com que se pense ser possível afirmar aqui que, em uma primeira análise, a arqueologia trataria deste outro estrito, apresentando-se *apenas* como uma “História do Outro”, ou seja, uma história “daquilo que para uma cultura é ao mesmo tempo interior e estranho, a ser, portanto, *excluído* (para conjurar-lhe o perigo interior), encerrando-o, porém (para reduzir-lhe a alteridade)”<sup>8</sup>; contudo, esta alteridade específica (do louco, do doente etc.) é radicalizada nos dois livros posteriores, tratando-se neste momento de uma história que tenta analisar como o pensamento ocidental se solidificou como um pensamento do Mesmo, no qual a alteridade, agora em sentido geral, passa a representar, nos termos utilizados por Salma Muchail o “limite de pensamento e de linguagem para uma cultura, aquilo que a circunda por fora e lhe escapa, simultaneamente, estranho e exterior”<sup>9</sup>. É nesse sentido que um pensamento que se dedique a pensar este limite e a construção desta mesmidade pode ser compreendido simultaneamente como uma “História do Outro” e também como uma “Crítica do Mesmo”, tal como se verifica, em uma perspectiva epistemológica, na arqueologia de Michel Foucault.

De acordo com a tese apresentada por Roberto Machado em *Foucault, a ciência e o saber*, seria impossível dissociar o empreendimento foucaultiano para uma arqueologia do saber de uma crítica à epistemologia, pois o diálogo maior do filósofo, neste período, seria com a história das ciências, no intuito de empreender uma outra maneira de se fazer história, tomando-se, então, as ciências humanas como objeto de estudo e inaugurando, assim, “uma nova região” com relação à epistemologia francesa<sup>10</sup>. O termo utilizado por Machado – e o que consistiria o objeto de estudo de seu livro – é o “deslocamento” que a arqueologia

---

<sup>8</sup> FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*, p. 13.

<sup>9</sup> MUCHAIL, Salma Tannus. *Foucault, simplesmente*, p. 39.

configuraria com relação à epistemologia; e é tal deslocamento no modo pelo qual se faz história que se pretende neste projeto pensar como uma “outra história” (nos termos que já foram por mim utilizados uma vez <sup>11</sup>) pode representar um pensamento que, em seu método histórico, preserve sua relação com a alteridade.

Pensar a relação entre a história (esta outra história tal como empreendida por Foucault) e a alteridade (especificamente na fase arqueológica) é certamente a indicação mais imprescindível deste projeto, pois se o que pode – ainda que de um modo necessariamente não totalizante e descontínuo – englobar pesquisas sobre um estudo histórico do outro no sentido estrito e pesquisas históricas sobre o outro no sentido geral é exatamente seu caráter de investigação histórica, então parece ser possível crer que o modo como estes empreendimentos de Foucault dedicam-se à relação com a alteridade está intimamente ligado à sua concepção de “história”. Para que se perceba claramente tal afirmação, basta que se atente à relação da declaração de Foucault supracitada de *As palavras e as coisas* sobre sua história das idéias como uma crítica ao pensamento do mesmo (ou seja, em um texto de 1966) com este trecho que se segue, de 1984: “Mas o que é filosofar hoje em dia (...) senão o trabalho crítico do pensamento sobre o pensamento? Senão (...) tentar saber de que maneira e até onde seria possível pensar *diferentemente* em vez de legitimar o que já se sabe?” <sup>12</sup>.

Este trecho de *O uso dos prazeres* pode servir futuramente como mote para tentar se pensar a filosofia de Foucault, em sua totalidade, como um modo de se tentar fazer história “diferentemente”, seja sob uma abordagem arqueológica – isto é, uma preocupação com as questões relativas à constituição dos saberes –, seja sob um olhar genealógico – isto é, em um primeiro momento dedicado às questões relativas aos mecanismos de poder e, finalmente, voltado às questões relativas à constituição do sujeito ético. Tal é, nesse sentido, o que me leva a pensar ser plenamente possível pensar a relação entre história e alteridade na fase arqueológica do pensamento foucaultiano, justamente a partir de uma análise do método segundo o qual o filósofo empreende suas análises históricas. E, retornando a uma das outras indicações que segui para embasar tal projeto, cito o texto “O mesmo e o outro: faces da história da loucura”, de Salma Muchail, onde se lê que “Foucault faz filosofia fazendo pesquisa histórica” <sup>13</sup>. Se a filosofia de Foucault se faz neste movimento de pesquisa histórica, e se a história de Foucault é uma história preocupada com a alteridade, então se torna claro

---

<sup>10</sup> A tese central do livro de Roberto Machado é apresentada já em sua introdução. Cf. MACHADO, Roberto. *Foucault, a ciência e o saber*, pp. 07-12.

<sup>11</sup> HADDOCK-LOBO, Rafael. “Walter Benjamin e Michel Foucault: a importância ética do deslocamento para uma *Outra História*”, *Comum*, v. 09, n. 22 (janeiro/junho 2004).

<sup>12</sup> FOUCAULT, Michel, *História da sexualidade 2: o uso dos prazeres*, p.09. Grifo meu.



que este “pensar diferentemente” que ele pretende, desde a fase arqueológica até a genealógica, não se restringindo a uma mera história, e, contudo, comportando esta outra história, pode ser entendido como um outro pensamento, ou ainda, um pensamento do outro. Com isso, pretendo ter apontado em que medida a completude de uma “História do Outro” só se dá quando esta se torna também uma “Crítica do Mesmo”.

#### **d) A sistematização teórica da “História do Outro” em *A arqueologia do saber***

Contudo, há ainda uma obra a ser pacientemente analisada: pacientemente tanto no sentido que requer paciência, por se tratar de uma obra extremamente difícil, como, também, pelo fato de esta dificuldade se potencializar no que diz respeito à pesquisa que aqui se pretende realizar: *A arqueologia do saber* é uma obra que, como anunciou Foucault em nota de pé de página em *As palavras e as coisas*, pretende examinar os problemas de método de sua arqueologia. Nesse sentido, não se trata aqui de um livro que empreenda uma pesquisa histórica, como ocorreu com os três livros anteriores. Se as análises históricas sobre a loucura, sobre a clínica médica e sobre os saberes do homem configuraram uma novidade para o modelo de investigação histórico, a notoriedade da obra de Foucault no final da década de sessenta preocupava o autor no que diz respeito a uma má compreensão de seu método arqueológico. O livro que publica em 1969, então, visa a elucidar algumas questões de seu método – e, sendo assim, não realiza nenhuma análise histórica, apenas (o que não é pouco) reflete sobre o procedimento utilizado nos três livros anteriores.

*A arqueologia do saber*, que Foucault teria sentido a urgência de escrever já em 1966, no prefácio de *As palavras e as coisas*, parece ter seu surgimento consolidado em dois textos escritos em 1968: “Resposta a uma questão” e “Resposta ao Círculo de Epistemologia”. Neste período que vai de 1966 a 1968, Foucault procura precisar melhor suas categorias de análise e, com isso, apontar novas direções para seu projeto teórico<sup>14</sup>. O livro de 1969 é, então, decisivo para que, a partir desta reflexão crítica sobre sua obra, a história arqueológica como “História do Outro” e como “Crítica do Mesmo” seja sistematizada teoricamente.

Neste quarto momento da pesquisa, então, deverá se pensar a reflexão foucaultiana sobre sua história arqueológica a partir de seus objetos que aqui são definidos, a saber, o discurso, o enunciado e o saber. Ao definir sua arqueologia como uma “análise de discursos” (o que significa dizer: uma análise das relações discursivas, isto é, uma *relação*), a indicação

<sup>13</sup> MUCHAIL, Salma Tannus. *Foucault, simplesmente*, p 37.

<sup>14</sup> Os desdobramentos deste novo rumo, que seria posteriormente chamado de “Fase Genealógica”, já podem ser vistos na apresentação que Foucault faz 1971 em sua aula inaugural no College de France: *A ordem do discurso*.

de Foucault segue no sentido de que a arqueologia, como “História do Outro” e “Crítica do Mesmo”, não pode se encerrar no interior do próprio discurso: deve articular o discursivo com o não-discursivo, isto é, com seu *outro*. Como diz o filósofo, “fazer a aparecer em sua pureza o espaço em que se desenvolvem os acontecimentos discursivos não é tentar restabelecê-lo em um isolamento que nada poderia superar; não é fechá-lo em si mesmo; é tornar-se livre para descrever nele e fora dele jogos de relações”<sup>15</sup>.

*A arqueologia do saber* é a obra em que Foucault dedica-se a pensar o campo sob o qual situou sua pesquisa: o da história das ciências e das idéias. Nesse sentido, é um texto epistemológico por excelência, em que o próprio método histórico é analisado e criticado, mas onde a própria epistemologia é também revisitada: e o conceito de *episteme* tal como formulado em 1966, agora passa a significar mais, ou seja, o conjunto das relações discursivas de determinada época. E por ser um balanço das pesquisas históricas que Foucault até então realizara, mais do que um “recomeço radical”, *A arqueologia do saber* seria um “ponto final” nesta fase do pensamento do autor: “é mais uma etapa – a última – de uma trajetória em que a arqueologia, para clarificar o seu exercício, define sua especificidade”<sup>16</sup>. Nesse sentido, parece aqui clara a necessidade desta quarta etapa da pesquisa – etapa também final – para que se pense, à luz dessa sistematização foucaultiana de sua arqueologia, como os elementos que a configurariam como uma “História do Outro” e também uma “Crítica do Mesmo” são então analisados pelo próprio Foucault neste momento de reflexão teórica sobre suas pesquisas. Com isso, pretendo ter apresentado de modo claro que, neste projeto, a análise da arqueologia de Foucault como uma “História do Outro” deve necessariamente consistir o ponto de partida para se pensar uma “Crítica do Mesmo”.

### e) Conclusão

A fim de atingir o objetivo já mencionado, pretende-se, então, desenvolver um estudo centrado nos textos nos quais Foucault investiga a constituição histórica dos saberes ou dos discursos sobre o homem, desenvolvendo o que ele nomeou de uma história arqueológica. Tais textos são, além da produção esparsa reunida nos volumes do *Dits et écrits*, os livros: *História da loucura*, *O nascimento da clínica*, *As palavras e as coisas* e *A arqueologia do saber*, que correspondem às pesquisas históricas empreendidas fase arqueológica.

Em *História da loucura* e em *O nascimento da clínica*, Foucault investiga, mediante uma história arqueológica, a constituição, na modernidade, da psiquiatria e da medicina

---

<sup>15</sup> FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*, p. 41.

<sup>16</sup> MACHADO, Roberto. *Foucault, a ciência e o saber*, p. 156.

clínica. Nestas investigações, Foucault procurou estudar a divisão do sujeito, a partir de certas práticas, em si mesmo e em relação aos outros, num processo que acaba por objetivá-lo em louco e são e em doente e sadio. Em *As palavras e as coisas*, Foucault traça uma arqueologia da constituição histórica das ciências humanas na modernidade, analisando-as como o resultado de uma inter-relação de saberes. Nesta investigação, além de efetuar uma crítica à representação clássica e ao sujeito da filosofia moderna, Foucault procura atingir o estatuto da ciência, pesquisando a objetivação do sujeito, seja na gramática geral, na análise das riquezas ou na história natural (as ciências clássicas); seja na filologia, na economia política ou na biologia (as ciências empíricas modernas, que, junto à filosofia pós-kantiana, abrem um espaço para a constituição das ciências humanas na modernidade). Em *A arqueologia do saber*, Foucault procura teorizar sobre o tipo de história filosófica desenvolvida em seus trabalhos anteriores, redefinindo um método, cuja fecundidade se revela na medida em que evita reportar a história a um sujeito fundador. Isto porque, em sua proposta de uma história da descontinuidade, Foucault remete a história a possíveis posições de diferentes subjetividades, mas nunca a um sujeito constituinte que apreendesse a história na totalidade e na continuidade da sua inteligibilidade.

No que diz respeito à instituição de acolhimento, penso que o fato de a pesquisa estar vinculada ao Departamento de Filosofia da FFCLH da USP, na área de Teoria das Ciências Humanas, justifica-se tanto pela supervisão da professora Olgária Chain Féres Matos, reconhecida especialista nos temas mais urgentes da Filosofia Contemporânea, bem como pelo ambiente de discussões que o Departamento de Filosofia da USP pode proporcionar. Além do trabalho de investigação e orientação empreendido pela professora Olgária Matos, os estudos, orientações e aulas do professor Vladimir Safatle, junto às pesquisas orientadas e realizadas pelo professor Renato Janine Ribeiro, tornam o Programa de Pós-Graduação em Filosofia da USP um ambiente de excelência no que diz respeito a pesquisas em torno de questões como alteridade e epistemologia das ciências humanas, bem como um frutífero ambiente de discussões em torno da obra de Michel Foucault.

Outro fato a se ressaltar é que a pesquisa aqui proposta possui o caráter de continuação de minhas pesquisas realizadas no mestrado e no doutorado sobre a alteridade nos pensamentos de Emmanuel Lévinas (no mestrado) e de Jacques Derrida (no doutorado). Tais pesquisas dedicaram-se a analisar como estas vertentes da filosofia francesa contemporânea buscaram ensaiar um pensamento que pudesse tratar da alteridade de modo justo, a fim de empreender uma crítica ao pensamento ocidental como uma filosofia do Mesmo. Com isso, tal projeto não configuraria uma ruptura com minha linha de pesquisa, mas, antes, um

aprofundamento da linha de pesquisa que venho trabalhando nos últimos anos <sup>17</sup>, mudando apenas, ainda que sutilmente, o enfoque, devido à especificidade e à singularidade das obras a serem aqui estudadas. Deste modo, a escolha por analisar a “História do Outro” tal como empreendida na fase arqueológica do pensamento de Foucault não se deu apenas em razão da relevância da noção de alteridade para os questionamentos apresentados na trajetória do pensamento de Foucault, mas também devido à preocupação em dar continuidade às minhas pesquisas no âmbito do pensamento francês contemporâneo desenvolvidas no Programa de Pós-Graduação em Filosofia da PUC-Rio sob a orientação do professor Paulo Cesar Duque-Estrada.

Cumpra ainda sublinhar uma vez mais algo que foi exposto na apresentação deste projeto, isto é, que o próprio Foucault apresenta a possibilidade de se pensar a arqueologia como uma “História do Outro” e uma “Crítica do Mesmo”. Além da relevância da problematização de um pensamento do Mesmo e da proposta de uma história do Outro do ponto de vista da arqueologia de Foucault, destaca-se a importância atual da discussão acerca da relação entre história e alteridade, desenvolvida por Foucault, para que, em síntese, se possa pensar as relações discursivas nas sociedades modernas. Isto porque a “Crítica do Mesmo”, tal como desenvolvida por Foucault em *As palavras e as coisas*, retoma categorias relevantes para a filosofia e, particularmente, para a filosofia das ciências e para a teoria do conhecimento, como, por exemplo, as noções de homem, de sujeito, de objeto, de ciências humanas, de saber, de discurso, entre outras, as quais se pretende estudar nos textos a serem analisados ao longo desta pesquisa.

Espero ter conseguido esclarecer que pretendo desenvolver uma pesquisa com o objetivo de compreender o método de pesquisa histórica empreendido por Foucault em sua arqueologia no que concerne à sua relação com a alteridade, relação esta que, ainda que às vezes não diretamente, Foucault parece insistir em desenvolver ao longo de sua toda a sua obra, mas de modo explícito e singular em sua arqueologia. Diante do apresentado, passo a expor o detalhamento das principais questões que conformarão minha pesquisa.

---

<sup>17</sup> Sobre isso, remeto à minha dissertação de mestrado: HADDOCK LOBO, Rafael. “Da existência ao infinito: a redução ética no pensamento de Emmanuel Lévinas”. Rio de Janeiro: PUC-Rio. Dissertação de mestrado. 2003 (publicada como HADDOCK-LOBO, Rafael. *Da existência ao infinito: ensaios sobre Emmanuel Lévinas*. São Paulo / Rio de Janeiro: Edições Loyola / Editora PUC-Rio, 2006). E também à minha tese de doutorado: HADDOCK LOBO, Rafael. “Por um pensamento úmido: a filosofia a partir de Jacques Derrida”. Rio de Janeiro: PUC-Rio. Tese de doutorado. 2007 (a ser publicada como HADDOCK-LOBO, Rafael. *Derrida e o labirinto de inscrições*. Porto Alegre: EDIPUCRS. No prelo).

### III. OBJETIVOS

Considerando que a pesquisa aqui proposta concentrar-se-á nos principais livros que compõem a fase arqueológica da obra de Michel Foucault, a fim de desenvolver uma análise e uma interpretação dos mesmos, apresentam-se agora os principais objetivos desta pesquisa:

#### a) OBJETIVO GERAL:

- Pesquisar, ao longo da fase arqueológica da obra de Michel Foucault, a relação entre o método de análise histórica empreendido pelo filósofo em suas obras da década de sessenta, em sua relação explícita com a alteridade, seja esta no sentido específico (os outros: os loucos, os doentes etc.) seja no sentido geral (um outro pensamento: os limites do pensamento ocidental). A relação entre o método arqueológico e a alteridade em sentido restrito, o que configura a arqueologia como uma “História do Outro”, constitui o elemento central desta fase do pensamento filosófico do autor, sendo o que motivaria o empreendimento de *História da loucura* e *O nascimento da clínica*. A esta relação em sentido estrito, soma-se a preocupação em pensá-la também em sentido geral, como ocorre em *As palavras e as coisas*, o que configura a “Crítica do Mesmo”, que será sistematizada anos depois em seus aspectos epistemológicos, juntamente à “História do Outro” em *A arqueologia do saber*.

#### b) OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Estudar cuidadosamente a fase arqueológica do pensamento de Foucault, aprofundando a investigação das discussões e dos aspectos temáticos e metodológicos presentes nessa etapa do percurso filosófico do filósofo;
- Analisar elementos de *História da loucura* no intuito de se pensar como a pesquisa histórica realizada na arqueologia de Foucault estrutura-se como uma “História do Outro” através da história do conhecimento psiquiátrico e do enclausuramento dos loucos;
- Analisar elementos de *O nascimento da clínica* no intuito de se compreender como esta pesquisa histórica como uma “História do Outro” estende-se do conhecimento psiquiátrico à medicina moderna, analisando então os discursos sobre a “doença”;
- Analisar elementos de *As palavras e as coisas* no intuito de se perceber a radicalização da “História do Outro” no campo de uma análise dos discursos das Ciências Humanas;
- Analisar elementos de *As palavras e as coisas* no intuito de compreender como esta radicalização da “História do Outro” traz junto a si uma “Crítica do Mesmo”;

- Analisar elementos de *A arqueologia do saber* a fim de que se entenda como Foucault sistematiza e problematiza sua arqueologia, pensando assim os impasses com os quais esbarra este duplo empreendimento (crítico e histórico) da arqueologia foucaultiana;
- Demonstrar a importância do procedimento arqueológico, enquanto empreendimento filosófico de elucidação da gênese e da formação dos saberes comumente chamados de ciências humanas;
- Demonstrar a vinculação necessária entre as duas dimensões presentes no projeto arqueológico de Michel Foucault, a saber: a dimensão de investigação histórico-genética e a dimensão crítico-sistemática;
- Produzir ao menos quatro artigos que, ao sintetizar os resultados das reflexões anteriormente mencionadas, contribua para a elucidação da fase arqueológica do pensamento de Michel Foucault e se constitua como base ou ponto de partida para outros estudos sobre questões afins às questões ora privilegiadas.

#### IV. PLANO DE TRABALHO E CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO

A pesquisa deverá abranger, em todas as suas fases, um período de dois anos. Serão redigidos artigos semestrais apresentando os resultados parciais da pesquisa. Ao final, se terá um conjunto mínimo de 4 ensaios para publicação conjunta. Eis o cronograma de execução:

##### *Primeiro ano*

**Mês 1 a 6:** Releitura de *História da loucura* e da bibliografia básica sobre a primeira obra da fase arqueológica do pensamento de Foucault, bem como de obras complementares do próprio Foucault e de estudiosos sobre o tema ora privilegiado. Elaboração de um artigo sobre o que Foucault chama de uma “História do Outro” em sua arqueologia do discurso psiquiátrico a partir de *História da loucura* e das obras relativas a esse período presentes em *Dits et écrits*.

**Mês 7 a 12:** Releitura de *O nascimento da clínica* e da bibliografia básica sobre a segunda obra da fase arqueológica do pensamento de Foucault, bem como de obras complementares do próprio Foucault e de estudiosos sobre o tema ora privilegiado. Elaboração de um artigo sobre o desenvolvimento da “História do Outro” na arqueologia do discurso médico moderno a partir de *O nascimento da clínica* e das obras relativas a esse período presentes em *Dits et écrits*.

##### *Segundo ano*

**Mês 1 a 6:** Releitura de *As palavras e as coisas* e da bibliografia básica sobre a terceira obra da fase arqueológica do pensamento de Foucault, bem como de obras

complementares do próprio Foucault e de estudiosos sobre o tema ora privilegiado. Redação de um artigo sobre o que pode ser compreendido como uma “Crítica do Mesmo”, a partir da arqueologia do discurso das ciências humanas empreendida em *As palavras e as coisas* e das obras relativas a esse período presentes em *Dits et écrits*.

**Mês 7 a 12:** Releitura de *A arqueologia do saber* e da bibliografia básica sobre a quarta obra da fase arqueológica do pensamento de Foucault, bem como de obras complementares do próprio Foucault e de estudiosos sobre o tema ora privilegiado. Redação de um artigo sobre a sistematização da arqueologia como “História do Outro” e “Crítica do Mesmo” tal como se pode entender nas investigações epistemológicas de Foucault em *A arqueologia do saber* e em artigos como “Resposta a uma questão” e “Resposta ao Círculo Epistemológico”.

## **V. MATERIAL E MÉTODOS**

Tratando-se de um estudo analítico das quatro principais obras da fase arqueológica de Michel Foucault, a metodologia consistirá basicamente na leitura dos livros supracitados e em um exercício de interpretação destes textos, conforme já foi mencionado, dos principais livros que compõem a fase arqueológica da obra de Foucault. Tal estudo se fará acompanhar de um levantamento bibliográfico mais acurado sobre comentadores; de leituras de artigos, entrevistas, palestras e cursos de Michel Foucault; bem como de leituras de artigos e de livros de reconhecidos especialistas e comentadores da referida fase do pensamento desse filósofo. Seguindo-se às análises, acontecerá a produção escrita de artigos relativos aos temas pesquisados.

## **VI. FORMA DE ANÁLISE DOS RESULTADOS**

Em não se tratando de pesquisa com aplicabilidade imediata, a análise dos resultados será feita com a submissão dos artigos semestrais às comissões de publicação de periódicos especializados.

## **VII. BIBLIOGRAFIA**

### **a) BIBLIOGRAFIA BÁSICA**

- FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. Tradução Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

- \_\_\_\_\_ *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. Tradução Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- \_\_\_\_\_ *Dits et écrits*. Paris: Gallimard, 1994.
- \_\_\_\_\_ *História da loucura na idade clássica*. Tradução José Teixeira Coelho. São Paulo: Perspectiva, 1991.
- \_\_\_\_\_ *O nascimento da clínica*. Tradução Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1977.

#### **b) BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR**

- AMARANTE, P. “Forças e diversidade: as transformações na saúde e na loucura”, in: CASTELOBRANCO, G. e NEVES, L.F.B. (orgs.) *Michel Foucault: da arqueologia do saber à estética da existência*. Rio de Janeiro: NAU, Londrina: CEFIL, 1998.
- ARTIÈRES, P. (org.) *Michel Foucault, la littérature et les arts*. Paris: Éditions Kimé, 2004.
- BERNAUER, J., MAHON, M. “The ethics of Michel Foucault”, in: GUTTING, G. *The Cambridge companion to Foucault*. New York: Cambridge University Press, 1994.
- BERNSTEIN, R. “Foucault: critique as a philosophic ethos”, in: KELLY, M. (ed.) *Critique and power: recasting the Foucault / Habermas debate*. Cambridge / London: The MIT Press, 1994.
- BONNAFOUS-BOUCHER, M. *Le libéralisme dans la pensée de Michel Foucault: un libéralisme sans liberté*. Paris: L’Harmattan, 2001.
- CANGILHEM, G. et al. *Penser la folie: essais sur Michel Foucault*. Paris: Éditions Galilée, 1992.
- DAVIDSON, A. “Ethics as ascetics: Foucault, the history of ethics, and ancient thought”, in: GUTTING, G. (ed.) *The Cambridge companion to Foucault*. New York: Cambridge University Press, 1994.
- \_\_\_\_\_ “Archaeology, Genealogy, Ethics”, in: HOY, D.C. (ed.) *Foucault – a critical reader*. New York: Basil Blackwell, 1996.
- DELEUZE, G. “Foldings, or the inside of thought (subjectivation)”, in: KELLY, M. (ed.) *Critique and power: recasting the Foucault / Habermas debate*. Cambridge / London: The MIT Press, 1994.
- \_\_\_\_\_ *Foucault*. Paris: Minuit, 1986.
- \_\_\_\_\_ “Rachar as coisas, rachar as palavras”, in: *Conversações (1972-1990)*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.
- \_\_\_\_\_ “Um retrato de Foucault”, in: *Conversações (1972-1990)*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.
- \_\_\_\_\_ “Qué es um dispositivo?”, in: *Michel Foucault, filósofo*. Barcelona: Editorial Gedisa, 1999.



- DREYFUS, H. L., RABINOW, P. *Michel Foucault. Beyond Structuralism and Hermeneutics*. Chicago: Chicago Press, 1982 (tradução de Vera Portocarrero: *Uma trajetória filosófica – Para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995).
- \_\_\_\_\_ . “Sobre a genealogia da ética: uma visão do trabalho em andamento”, in: *O Dossier – últimas entrevistas*, organização de C.H. Escobar. Rio de Janeiro: Taurus, 1984.
- ERIBON, D. (org.) *L'infréquentable Michel Foucault. Nouveaux de la pensée critique*. Paris: Epel, 2001.
- \_\_\_\_\_ *Michel Foucault e seus contemporâneos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.
- \_\_\_\_\_ *Michel Foucault: 1926 – 1984*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- EWALD, F. “O cuidado com a verdade”, in: *O Dossier – últimas entrevistas*, organização de C.H. Escobar. Rio de Janeiro: Taurus, 1984.
- \_\_\_\_\_ “Um poder sin um afuera”, in: *Michel Foucault, filósofo*. Barcelona: Editorial Gedisa, 1999.
- FLYNN, T. “Foucault’s mapping of history”, in: GUTTING, G. (ed.) *The Cambridge companion to Foucault*. New York: Cambridge University Press, 1994.
- FONSECA, M.A. *Michel Foucault e a constituição do sujeito*. São Paulo: EDUC, 1995.
- FOUCAULT, M. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France*. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 1998.
- \_\_\_\_\_ *C'est demain la veille: entretiens avec Michel Foucault*. Paris: Du Seuil, 1973.
- \_\_\_\_\_ *Doença mental e psicologia*. Tradução de Lílian Rose Shalders. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994.
- \_\_\_\_\_ *Em defesa da sociedade. Curso no Collège de France, 1975-1976*. Tradução Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- \_\_\_\_\_ *Eu, Pierre Riviere, que degolei minha mãe, minha irmã e meu irmão: um caso de parricídio do século XIX*. Tradução Denise Lezan de Almeida. Rio de Janeiro: Graal, 2000.
- \_\_\_\_\_ *História da sexualidade 1: A vontade de saber*. Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque e José Augusto Guilhon de Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1997.
- \_\_\_\_\_ *História da sexualidade 2: O uso dos prazeres*. Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque e José Augusto Guilhon de Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1994.
- \_\_\_\_\_ *História da sexualidade 3: O cuidado de si*. Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque e José Augusto Guilhon de Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- \_\_\_\_\_ *Microfísica do poder*. Tradução, organização e introdução: Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1998.
- \_\_\_\_\_ *Raymond Rousset*. Tradução Manoel Barros da Motta e Vera Lúcia Avellar. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999.

- \_\_\_\_\_ “Resposta ao Círculo de Epistemologia”, in: *Estruturalismo e Teoria da Linguagem*, tradução de Luís Felipe Baeta Neves. Petrópolis: Vozes, 1971.
- \_\_\_\_\_ “Resposta a uma Questão”, *Revista Tempo Brasileiro*, 28 (Epistemologia). Tradução de M. da Glória R. da Silva, Rio de Janeiro, jan/mar, 1972.
- \_\_\_\_\_ *Resumo dos cursos do Collège de France (1970-1982)*. Tradução Andréa Daher. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- \_\_\_\_\_ *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Tradução Ligia Ponde Vassalo. Petrópolis. Vozes, 1987.
- FRANK, M. “Sobre el concepto de discurso em Foucault”, in: *Michel Foucault, filósofo*. Barcelona: Editorial Gedisa, 1999.
- GIACOIA JR, O. “Filosofia como diagnóstico do presente: Foucault, Nietzsche e a genealogia da ética”, in: MARIGUELA, M. (org) *Foucault e a destruição das evidências*. Piracicaba: Editora Unimep, 1995.
- \_\_\_\_\_ “Filosofia da cultura e escrita da história: notas sobre as relações entre os projetos de uma genealogia da cultura em Foucault e Nietzsche”, in: *O que nos faz pensar*. No. 3, setembro, 1990.
- GIRAD, L (org.) *Michel Foucault: lire l'oeuvre*. Grenoble: Editions Jérôme Millon et les auteurs, 1992.
- GONDRA, J., KOHAN, W. (orgs.) *Foucault 80 anos*. Belo Horizonte: Autêntica: 2006.
- GROS, F. (org.) *Foucault: le courage de la vérité*. Paris: PUF, 2002.
- \_\_\_\_\_ *Foucault et la Folie*. Paris: PUF, 2004.
- \_\_\_\_\_ *Michel Foucault*. Paris: PUF, 2004.
- \_\_\_\_\_, LÉVY, C. (orgs.) *Foucault et la philosophie antique*. Paris: Kimé, 2003.
- GUTTING, G. “Foucault and the history of madness”, in: GUTTING, G. (ed.) *The Cambridge companion to Foucault*. New York: Cambridge University Press, 1994.
- HACKING, I. “The archaeology of Foucault”, in: HOY, D.C. (ed.) *Foucault – a critical reader*. New York: Basil Blackwell, 1996.
- HADDOCK-LOBO, R. “Walter Benjamin e Michel Foucault: a importância ética do deslocamento para uma outra história”, in: *Comum*, v. 9 – n. 22, janeiro/junho de 2004.
- HAN, B. *L'ontologie manquée de Michel Foucault – entre l'historique et le transcendental*. Grenoble: Jérôme Millon, 1998.
- JARA, J. “El hombre y su diferencia histórica”. *Revista Venezolana de Filosofía*. n.9, 1979.
- LE BLANC, G., TERREL, J. (orgs.) *Foucault au Collège de France: un itinéraire*. Bordeaux: Presses Universitaires de Bordeaux, 2003.
- LECOURT, D. “A arqueologia e o saber”, in: ROUANET, S.P. (org.) *O homem e o discurso – a arqueologia de Michel Foucault*. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1996.

- LEOPOLDO e SILVA, F. “Ética e razão”, in: NOVAES, A. (org.) *A crise da razão*. São Paulo: Companhia das letras, Brasília: MINC, Rio de Janeiro: Funarte, 1996.
- MACHADO, R. “Arqueologia y epistemología”, in: *Michel Foucault, filósofo*. Barcelona: Editorial Gedisa, 1999.
- \_\_\_\_\_ *Foucault, a ciência e o saber*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.
- \_\_\_\_\_ *Foucault, a filosofia e a literatura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.
- MAIA, A.C. “A genealogia de Foucault e as formas fundamentais de poder / saber: o inquerito e o exame”, in: CASTELO BRANCO, G. e BAETA NEVES, L.F. (orgs.) *Michel Foucault: da arqueologia do saber à estética da existência*. Rio de Janeiro: NAU, Londrina: CEFIL, 1998.
- MARIETTI, A-K. *Michel Foucault: archeologie et genealogie*. Paris: Libraire Generale Française, 1985.
- MARTON, S. “Foucault leitor de Nietzsche”, in: RIBEIRO, R.J. (org.) *Recordar Foucault – os textos do colóquio Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- MEZAN, R. “Uma arqueologia inacabada: Foucault e a psicanálise”, in: RIBEIRO, R.J. (org.) *Recordar Foucault – os textos do colóquio Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- MUCHAIL, S.T. *Foucault, simplesmente*. São Paulo: Edições Loyola, 2004.
- MURICY, K. “A questão da verdade em Michel Foucault”. *Revista Filosófica Brasileira*. Rio de Janeiro: v. III, n. 1, julho 1986.
- \_\_\_\_\_ “Foucault e Baudelaire”, in: CASTELO BRANCO, G. e PORTOCARRERO, V. (orgs.) *Retratos de Foucault*. Rio de Janeiro: Nau, 2000.
- PORTOCARRERO, V. “Foucault: a história dos saberes e das práticas”, in: PORTOCARRERO, V. (org) *Filosofia, História e Sociologia das Ciências: Abordagens Contemporâneas*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1994.
- \_\_\_\_\_ “Algumas noções sobre o pensamento de Michel Foucault”, in: *Metodologia Científica*. São Paulo: Agir, 1988.
- \_\_\_\_\_ “A vida e a experiência da ordem”, in: BRANCO, G. e NEVES, L.F. (org.) *Michel Foucault: da arqueologia do saber à estética da existência*. Rio de Janeiro: NAU, 1998.
- \_\_\_\_\_ “Representação e constituição do objeto na modernidade”, in: CASTELO BRANCO, G. e PORTOCARRERO, V. (org.) *Retratos de Foucault*. Rio de Janeiro: Nau, 2000.
- POSTER, M. “Foucault, el presente y la historia”, in: *Michel Foucault, filósofo*. Barcelona: Editorial Gedisa, 1999.
- POTTE-BENNEVILLE, M. *Michel Foucault, l’inquietude de l’histoire*. Paris: PUF, 2004.
- RAGO, M. “Libertar a história”, in: RAGO, M.; ORLANDI, L.B.L.; VEIGA-NETO, A. (orgs.) *Imagens de Foucault e Deleuze*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

- RAGO, M., VEIGA-NETO, A. (orgs.) *Figuras de Foucault*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- RAJCHMAN, J. *Foucault: a liberdade da filosofia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.
- \_\_\_\_\_ “Foucault: la ética y la obra”, in: *Michel Foucault, filósofo*. Barcelona: Editorial Gedisa, 1999.
- REVEL, J. *Le vocabulaire de Foucault*. Paris: Ellipses, 2002.
- \_\_\_\_\_ *Michel Foucault: expériences de la pensée*. Paris: Bordas, 2005.
- RIBEIRO, R.J. “O discurso diferente”, in: RIBEIRO, R.J. (org.) *Recordar Foucault – os textos do colóquio Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- RORTY, R. “Foucault and Epistemology”, in: HOY, D.C. (ed.) *Foucault – a critical reader*. New York: Basil Blackwell, 1996.
- ROUDINESCO, E. (org.) *Foucault: leituras da História da loucura*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.
- ROUSE, J. “Power / Knowledge”, in: GUTTING, G. *The Cambridge companion to Foucault*. London: Cambridge University Press, 1994.
- SABOT, P. *Lire Les mots et les choses de Michel Foucault*. Paris: Paris: PUF, 2006.
- SOUZA, F.M.C. “A crítica do sujeito na arqueologia de Michel Foucault”. Rio de Janeiro: PUC-Rio. Dissertação de mestrado. 2003.
- SOUZA, Sandra Coelho. *A ética de Michel Foucault: a verdade, o sujeito, a experiência*. Belém: Cejup, 2000.
- TAYLOR, C. “Foucault on freedom and truth”, in: HOY, D.C. (ed.) *Foucault – a critical reader*. New York: Basil Blackwell, 1996.
- TERNES, J. *Michel Foucault e a idade do homem*. Goiânia: Editora da UFG, 1998.
- \_\_\_\_\_ *A morte do sujeito*, in: CASTELO BRANCO, G. e PORTOCARRERO, V. (org.) *Retratos de Foucault*. Rio de Janeiro: Nau, 2000.
- WAHL, F. “Fuera de la filosofía o en la filosofía? La arqueología del saber. El uso de los placeres. La preocupación de sí mismo”, in: *Michel Foucault, filósofo*. Barcelona: Editorial Gedisa, 1999.
- VAZ, P. *Um pensamento infame: História e Liberdade em Michel Foucault*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.
- VEYNE, P. “Foucault revoluciona a história”, in: *Como se escreve a história*. Brasília: UnB, 1998.
- WHITE, H. “Foucault decodificado”, in: *Trópicos do discurso*. São Paulo: Edusp, 2001.